

**6º Encontro Nacional**

Lisboa, 19 de julho de 2014

**Memória do Encontro**

Presentes: Álvaro Cidrais; Ana Firmino; Ana Quintela; António Covas; Fátima Belo (ACEP); Graça Rojão (CooLabora); Jorge Nunes (Rumo); Fernanda Vaz (Activar); Jorge Wemans; José Carlos Albino; José Centeio; Luís Chaves; Luísa T. Pereira e Stéphane Laurent (CIDAC); Maria Joana Veloso; Maria das Mercês Covas; Nelson Dias (In Loco); Vanessa Sousa.

Ausentes que deram a conhecer a sua não participação: Artur Cristóvão; Isabel Rodrigo; João Cordovil; João Ferrão; Jorge Malheiros; Marco Domingues (Ecogerminar); Susana Sousa; Ursula Caser.

**Agenda proposta**

10h00 - Abertura

Desafio de abertura

Apresentação d@s participantes

Ponto de situação do projeto Cidadania e Território

Debate sobre o futuro do Fórum e vantagens e desvantagens da formalização do Fórum C&T

13h00 - 14h30 - Almoço partilhado

14h30 - Plenário

Funcionamento dos Grupos de Trabalho

Plenário

17h00 Encerramento

O Encontro teve início pelas 10h15, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A agenda de trabalhos aqui apresentada sofreu algumas alterações no período da tarde, facto que se deveu ao número de presentes. Ana Firmino, anfitriã do Encontro, deu as boas vindas aos presentes, desejando bom trabalho e esperando que este fosse um momento de reflexão sobre o funcionamento do Fórum que, na sua opinião, não tem estado a funcionar muito bem. Considerou que talvez fosse importante repensar a metodologia de trabalhado que tem sido seguida até aqui.

**Desafio de abertura e apresentação d@s participantes**

A dinâmica escolhida, "O Dominó", tinha como objetivo promover a partilha entre as e os

participantes. Cada pessoa usou uma peça de dominó e escreveu de um lado um “saber” e do outro um “gosto” que depois jogou/partilhou, tendo de escolher a peça de outro participante que mais ligação tivesse com a sua.

Gostos e saberes partilhados: Capacidade de partilhar; Comunicação; Conhecimento; Interligar; Interpretar o mundo; Associativismo; Trabalhar com pessoas; Planeamento e desenvolvimento social; Metodologias participativas; Planeamento estratégico participado; Governança; Processos locais (bairro) de desenvolvimento com a comunidade; Desenvolvimento comunitário pela arte/cultura; Participação; Desenvolvimento sustentável do espaço rural; Dinâmicas do espaço rural com base em economia de proximidade, Circuitos curtos, Agricultura social e turismo sustentável; Trabalho em rede; Parcerias; Produtos locais; Dinâmica territorial; Redes sócio territoriais; Sociologia do território, Liderança de grupos; Relações humanas; Saber das pequenas coisas; Fresco das manhãs de verão; Organização; Microcrédito; Economia solidária; Conceber dispositivos de formação na área das alternativas económicas e soberania alimentar; Dar formação a públicos estratégicos.

De seguida, as pessoas apresentaram-se fazendo a respetiva identificação no mapa de Portugal. De referir que a maioria dos/as participantes era oriunda de Lisboa. O Algarve teve quatro representantes, o Alentejo esteve representado por uma pessoa e a região centro por dois membros.

Como forma de lembrar o trabalho previsto para o dia, Luísa T. Pereira, da EdC, fez a apresentação do programa do 6º Encontro. José Carlos Albino informou que só estaria presente no período da manhã.

### **Ponto de situação do projeto “*Cidadania & Território: Desenvolvimento Local Sustentado*”**

O coordenador do projeto, Jorge Nunes, fez a apresentação/ponto de situação do trabalho realizado até ao momento.

Durante este período foram identificadas 83 práticas significativas. O questionário criado para as recolher manter-se-á *online* para que as pessoas possam continuar a identificar experiências que conheçam. O documento é extenso e exige cerca de quarenta e cinco minutos para o seu preenchimento, o que fez com que os responsáveis do projeto tenham encontrado outras formas de partilha das práticas significativas, nomeadamente através de um resumo da informação sobre cada experiência, validada pelos respetivos proponentes.

O seminário de lançamento do projeto teve lugar no dia 31 de março, na Fundação Saramago, e apesar de não ter tido uma forte adesão foi um momento muito importante para o arranque do trabalho.

Foram já realizados três *focus group* “Para Comunidades Mais Participativas”, em Lisboa (Rumo), Alcáçovas (Terras Dentro) e Tondela (ACERT). Estes encontros têm sido muito interessantes, sobretudo pela partilha de ideias, metodologias e estratégias que serão posteriormente aprofundadas, e também pela identificação de novas práticas significativas.

O projeto ainda não estabeleceu contacto com os meios de comunicação social, mas está prevista a sua divulgação por forma a potenciar o mais possível os seus objetivos.

Foi apresentado o sítio do projeto: <http://comunidadesparticipativas.org> que se espera se possa constituir em centro de recursos.

Até final do ano será ainda realizado um seminário intermédio e ações formativas nos quatro territórios da parceria do projeto.

O coordenador referiu o contributo importante de José Carlos Albino na identificação de práticas significativas e na mobilização de pessoas para o preenchimento do questionário.

José Carlos Albino informou que está a colaborar no projeto enquanto consultor.

O projeto decorre até outubro de 2015.

Após esta apresentação, António Covas, da Universidade do Algarve, colocou a questão sobre a sustentabilidade do Fórum C&T para não deixar cair estas práticas.

Neste contexto referiu, ainda, a publicação da resolução do Conselho de Ministros, nº 16 de 5 de março de 2014, que criou o Conselho de Concertação Territorial. Neste órgão estão presentes as entidades habituais/de sempre e é importante sabermos se temos ou não interesse em fazer uma aproximação a esta estrutura.

Em anexo a esta Memória, podem encontrar a apresentação feita pelo coordenador do projeto, Jorge Nunes.

### **Debate sobre o futuro do Fórum e vantagens e desvantagens da sua formalização**

Este momento do Encontro foi moderado por Nelson Dias da EdC, que começou por colocar à consideração dos presentes a existência de quórum para se tomar uma decisão, no âmbito do 6º Encontro, sobre a formalização ou não do Fórum. Sobre esta questão, Jorge Wemans referiu que esse aspeto era irrelevante, sugerindo por isso que o debate se iniciasse sem mais pretextos e que no seu decurso se avaliaria a existência de condições para serem tomadas decisões.

O moderador explicou que o objetivo da questão não era, de todo, travar o debate, mas sim clarificar o objetivo desta reflexão para assegurar uma correta gestão das expectativas de todos os presentes.

A metodologia escolhida para esta reflexão foi a partilha individual sobre o que cada um/a pensava sobre a questão. A ronda começou numa ponta da mesa e terminou na outra.

Jorge Nunes (projeto *Cidadania & Território: Desenvolvimento Local Sustentado*): Não tenho uma opinião formada, estou mais numa posição de ouvir. Mas preocupa-me a vertente operacional do C&T e o facto de o Fórum ter, ainda, pouca capacidade de gerar impacto, de influenciar, e pode ter interesse pensar nisto neste momento.

Jorge Wemans: Tenho a minha opinião formada e dificilmente mudará. Não estou disponível para ouvir. Considero que não fomos capazes de estar de forma mais ativa (e não interessa aferir agora o porquê) e acho que já passou o tempo necessário para isso. Neste momento o C&T é um *googlegroups* e nada mais do que isso. É preciso repensarmos e adaptarmo-nos e, na minha

opinião, isso passa por formalizar o Fórum.

É importante não replicarmos experiências que já vivemos, mas não estamos a ser capazes de fazer isso. Esgotámos o tempo e é chegado o momento de decidir. A minha opinião é definitiva e pela estima que existe entre nós acho que deveríamos agarrar nos documentos existentes e adaptá-los à realidade existente, para não andarmos a enganar terceiros.

José Centeio: Desde que o Fórum foi criado houve coisas positivas. Não foi feito um balanço e é importante fazê-lo e ver se as expectativas de todos foram conseguidas/concretizadas e é aqui que, na minha opinião, aparece a necessidade de formalização. Está a perder-se a oportunidade, como referiu o António Covas. Temos que nos ir adaptando à realidade. Percebo que as estruturas assustem, mas depende da forma como fizermos as coisas. Temos capacidade, no seio do Fórum, para avançar para outro modelo? – pergunto.

Ana Firmino: Quando entrei no Fórum senti necessidade dessa formalização. No seio do C&T há pessoas que são contra a formalização, o que respeito, mas não tenciono perder energias com isso porque o mais importante é irmos trabalhando e preservar um bom ambiente de trabalho. Continuo a sentir que deve haver o máximo respeito por todas as pessoas e opiniões e acho que a formalização nos beneficiaria.

Álvaro Cidrais: Para mim a formalização é uma questão de tempo e ainda não perdemos a oportunidade. Sé é este o momento ou não, não sei!

Na minha perspetiva, o que conseguimos fazer até aqui tem muito valor. Enquanto rede é “suficiente” e tem valor; enquanto força de intervenção, estamos a perder força. Quanto mais cedo nos formalizarmos mais oportunidades poderemos agarrar, mas quanto mais tarde nos formalizarmos mais maturidade teremos.

Há pessoas que, a partir do Fórum, estão a ter uma intervenção, a influenciar a partir da informalidade e este trabalho tem muito valor. Mantenha-se o trabalho que está a ser desenvolvido pelo projeto “*Cidadania & Território: Desenvolvimento Local Sustentado*” que é muito importante para a sociedade portuguesa.

Vanessa Sousa: Neste momento, ainda não tenho uma opinião muito formada. As entidades formalizam-se quando existe necessidade de que isso aconteça e temos de saber quando é o momento. Talvez seja a altura de colocarmos algumas questões que nos ajudem a refletir: onde queremos chegar? - Quais são os nossos objetivos? - Existem outras plataformas que estão a desenvolver um trabalho semelhante? Quanto ao fluxo de mensagens trocadas no *googlegroups* tenho dificuldade em as acompanhar todas. Acho que há algum ruído.

Graça Rojão: Não tenho uma opinião fechada sobre esta questão. O que mais me atrai no Fórum são as pessoas e o facto de ser um espaço de encontro. São ainda as oportunidades de aprendizagem e a capacidade que o Fórum tem de influenciar políticas. Estas dimensões não exigem, na minha opinião, a formalização. Muitos de nós estamos envolvidos em organizações e já fazemos um grande esforço para manter as suas estruturas. Não sei se as vantagens da formalização fazem sentido perante o esforço que é necessário e também não tenho a certeza se

neste momento temos a energia necessária. A formalização pode implicar uma disputa do espaço de intervenção de outras entidades que já existem.

António Covas: Estamos a assistir a um clássico das organizações e não há que pôr nenhum dramatismo neste processo.

O Acordo de Parceria entre Portugal e a Comissão Europeia foi assinado esta semana e pergunto se estaríamos em condições de emitir uma opinião sobre este documento. Podemos conseguir resultados interessantes com o estatuto do Fórum e é possível aprofundar o seu funcionamento. Este ainda não está maduro e é melhor esperar até que a sua dinâmica nos diga se devemos formalizar. Mantenhamos as portas abertas!

Maria das Mercês Covas: Haverá um momento em que este Fórum nos dirá se deverá ter uma participação mais pró-ativa. Preocupa-me muito o que está a acontecer nos nossos territórios, que estão a ficar vazios.

Stéphane Laurent (CIDAC): Considero importante fazer este debate para conhecermos melhor as diferentes opiniões existentes no seio do C&T. Em relação à formalização, tenho dois receios: que a legalização seja feita prejudicando a participação, porque quanto mais institucionalização menos participação e que, ao legalizar-se, o Fórum possa perder o potencial de inovação que um funcionamento diferente poderia induzir. Quando as coisas parecem correr mal, há uma tendência a voltar às velhas receitas em vez de tentar aprofundar um caminho alternativo.

Luísa T. Pereira (CIDAC): Estamos num momento difícil do país, queremos intervir rápida e diretamente, mas temos um problema: não estamos preparados. Não temos conseguido trabalhar realmente em parceria e de forma colaborativa, nos últimos anos, de modo a termos propostas coletivas a apresentar e discutir.

Mas, para já, o trabalho que fazemos no Fórum tem impacto nas organizações nas quais estamos envolvidos e, por essa via, pode tê-lo também noutros âmbitos.

Fátima Belo (ACEP): Não tenho uma ideia formada. Tenho tentado acompanhar as comunicações que vão acontecendo no *googlegroups*. Na ACEP ainda não tivemos oportunidade de discutir este ponto.

Luís Chaves: Quando penso nesta questão concentro-me nas motivações que me levaram a participar neste projeto, que foi basicamente aprender e isso tem-se verificado. A “não formalidade” atraiu-me no início mas reconheço que fui mudando de opinião, pois se o Fórum não existir formalmente não existe em determinados locais e estruturas. Neste momento, não consigo avaliar se o Fórum foi melhor ou pior por não ter uma estrutura formal. Considero que o processo não é clássico, porque temos normalmente pressa em formalizar.

O único ponto negativo, em minha opinião, é que perdemos muito tempo a discutir esta questão e isso impede-nos de trabalhar sobre outros assuntos mais interessantes e urgentes.

Fernanda Vaz (ACTIVAR): Neste momento não temos ainda uma posição definitiva sobre esta questão e para nós o mais importante é a criação de redes. Considero importante avaliarmos as condições necessárias para dar o passo da formalização. Porque é que as coisas não correram da

melhor maneira até aqui? Terá sido pelo facto do C&T não ter uma personalidade jurídica? – Tenho dúvidas.

Joana Veloso: Tenho participado pouco no Fórum. Hoje vim aqui para me despedir e vinha mais para ouvir. Não vejo grande vantagem em formalizar pelo que não sei se será necessário ir para a frente com esta medida.

José Carlos Albino: Subscrevo a posição do Jorge Wemans. Não se legaliza o que não existe. Não estamos a seguir as orientações inscritas na Carta de Princípios. Para podermos desenvolver as funções de interlocução política precisaríamos de nos formalizar. Desde há 7 ou 8 meses a esta parte que a Carta de Princípios não tem sido respeitada. A EdC não tem apresentado o balanço do trabalho desenvolvido. Não tenho aprendido nada através do Fórum que não possa aprender por outras vias. No 2º Encontro do C&T colocaram-se à discussão três possibilidades para designar esta estrutura: Movimento – Fórum – Plataforma. Decidimos pelo segundo. Na minha perspetiva, estamos longe de termos conseguido grandes partilhas entre as organizações. Só com organizações que colocam os princípios da intervenção como prioridade da sua ação conseguimos ir mais longe.

Ana Quintela: Estou hoje pela primeira vez numa reunião do Fórum e estou cá porque me agrada estar como individual, sem representar nenhuma organização. As questões de desenvolvimento local têm perdido terreno para outras áreas como é o caso do empreendedorismo e é preciso colocá-lo na agenda. Sinto que há uma grande vontade de fazer coisas, mas é importante não perdermos o norte da nossa ação.

José Carlos Albino: Gostaria de completar dizendo que é importante respeitar o que existe, as organizações que existem.

Depois de ouvidos todos os presentes, o moderador procurou fazer uma síntese das diferentes posições, sem ambicionar ser exaustivo. Considerou que as opiniões expressas revelavam entendimentos distintos sobre o papel do Fórum e as funções que este deve desempenhar na sociedade portuguesa. Disse que os diferentes posicionamentos tinham sido expostos de forma muito aberta: “existem pessoas com ideias muito claras e outras que ainda estão em processo de integração no Fórum”.

O moderador solicitou então aos presentes que se inscrevessem para uma nova ronda de intervenções.

Graça Rojão: Na minha opinião, não se pode adiar mais esta decisão para não andarmos sempre a falar deste assunto que aliás, para muitos membros, é desmobilizador. Deve, por isso, sair deste Encontro uma orientação sobre a formalização do Fórum, seja ela qual for.

Álvaro Cidrais: O Fórum tem três objetivos principais: ser uma rede de organizações e pessoas, ou seja de aprendizagem e partilha; ser motor de disseminação de metodologias; e influenciar as estruturas e práticas.

Este terceiro objetivo tem de ser feito por consenso o que o diferencia dos dois primeiros. Na minha opinião acho que este espaço pode ter dificuldade em continuar a ser a retaguarda de outros processos pelo que precisamos de uma estrutura formal que permita continuar a animar o movimento.

Jorge Wemans: A questão da legalização não nos tem ocupado muito tempo e discordo que seja necessário aguardar mais tempo até que estejamos preparados para dar o passo da formalização.

José Centeio: Como construir consensos na diversidade? O que o C&T tem feito é possível fazer fora dele? Qual a identidade do Fórum? Também penso que não se deve adiar uma decisão, é bom não deixar arrastar as questões difíceis.

José Carlos Albino: O projeto que está a ser dinamizado pela RUMO, e que nasceu paralelamente ao Fórum, está empenhado na criação de uma plataforma entre as entidades envolvidas nos cinco projetos aprovados ao abrigo do eixo A do Programa Cidadania Ativa. Este trabalho está em curso e poderá contar com o envolvimento da própria Fundação Calouste Gulbenkian.

O moderador: Várias pessoas referiram ser importante que este assunto, seja qual for a decisão, fique arrumado por um tempo razoável. De facto, podemos não ter perdido muito tempo a discutir esta questão, mas a verdade é que tem estado sempre presente, ainda que de forma indireta, o que acaba por ser um desgaste de energias e uma dificuldade para o dinamismo do Fórum.

Depois de todas as pessoas partilharem as suas opiniões sobre a formalização ou não do Fórum, estas foram expressas da seguinte forma:

Legalização agora: 3

Legalização nunca: 0

Legalização sim ou não, mais tarde: 7

Abstenções: 5

No seguimento das suas posições, Jorge Wemans e José Carlos Albino não se pronunciaram e o CIDAC, representado por 2 pessoas, exprimiu uma única posição.

Nelson Dias (In Loco): Por vezes criamos expectativas demasiado elevadas às quais não temos capacidade de dar resposta por manifesta falta de tempo dos intervenientes. É importante que cada membro do C&T tenha consciência do tempo que pode dedicar a esta rede, porque talvez estejamos a exigir uns aos outros coisas que não conseguimos dar.

Jorge Wemans: Discordo. Considero que existem pessoas que já deram muito do seu tempo ao Fórum, a gestão do tempo por parte de cada um é sempre feita em função das prioridades que tem.

## **Plenário**

Depois de um bom almoço partilhado, na parte da tarde, tendo em conta o facto de estarem presentes apenas treze pessoas, decidiu-se trabalhar em grande grupo tendo como objetivos:

- Fazer o balanço do trabalho desenvolvido no âmbito dos GT
- Apresentar propostas concretas para melhorar a dinâmica do Fórum C&T
- Preparar o próximo Encontro Nacional

### Balanço dos Grupos de Trabalho (GT)

Os GT são importantes mas nem sempre têm estado ativos, tendo-se identificado algumas razões:

- na planificação de atividades para 2014, realizada no 5º Encontro (Santa Comba Dão) fomos muito ambiciosos e planeamos demasiadas atividades/ações para a real capacidade dos GT e do próprio Fórum;

- a decisão da EdC de integrar os vários questionários e levantamentos propostos pelos GT como primeiros passos para o seu plano de trabalho em 2014 foi positiva, por um lado, porque evitou a proliferação de instrumentos de recolha de dados que se dirigiam, em geral, aos mesmos universos de respondentes mas, por outro lado, criou um compasso de espera que não permitiu aproveitar o dinamismo criado em Santa Comba Dão;

- a coordenação de cada grupo é um elemento fundamental para a animação e o funcionamento dos GT.

No caso do GT das Moedas Sociais, conseguiu-se manter o dinamismo devido, por um lado, ao contributo do José Centeio e, por outro, ao facto de se terem desenvolvido atividades concretas, como o levantamento bibliográfico e a dinamização de uma oficina no 5º Encontro do C&T.

Quanto ao GT da Programação 2014-2020, considerou-se que deve ter uma lógica de funcionamento específica, devido ao tema e ao facto de o Acordo de Parceria estar já estabelecido.

O GT da Economia Local sofreu sempre de uma falta de definição clara do seu objeto e passou de um grupo grande em Alcáçovas para um grupo muito pequeno em Santa Comba Dão, com oscilações também ao nível da sua coordenação. Curiosamente, sob este tema da “economia local” recolheram-se no projeto “*Cidadania & Território: Desenvolvimento Local Sustentado*” um bom número de práticas significativas, mas com características muito diversas. Refletindo sobre esta situação, foi colocada em cima da mesa a proposta, que recolheu consenso, de o GT se centrar na problemática da “economia de pequena escala”.

O GT das Metodologias Participativas elaborou e apresentou um projeto ao Programa Cidadania Ativa / 2ª fase de candidaturas (cuja aprovação foi comunicada no dia 31 de julho).

O GT dos Circuitos Curtos tem trabalho em perspectiva cujos resultados podem ser partilhados, em especial, no 8º Encontro Nacional.

Tendo este balanço presente, decidiu-se que:

- como forma de estimular a dinâmica dos GT, considerou-se que os Encontros Nacionais (3 por ano) deveriam constituir “marcos” para a concretização de trabalhos específicos de cada GT, que aí seriam partilhados;

- em cada Encontro Nacional estaria previsto um tempo para uma atividade organizada por um dos GT (responsabilidade rotativa, decidida com tempo para o GT em causa poder preparar a atividade);

- se deveria ter mais em conta a interligação entre os diferentes GT, para se poder construir uma intervenção coerente do C&T.

### **Dinâmica do Fórum C&T**

Foi decidido rever a comunicação do C&T no *facebook*. Álvaro Cidrais e José Centeio disponibilizaram-se para criar e dinamizar um grupo de *facebook* do C&T.

Neste ponto foi partilhada uma informação sobre a Parceria Transatlântica sobre o Comércio e o Investimento (conhecida na sigla inglesa como TTIP – *Transatlantic on Trade and Investment Partnership*) em discussão entre a União Europeia e os Estados Unidos e que terá efeitos importantes na desregulação dos mercados e na possibilidade de manter políticas que favorecem o desenvolvimento local. Em setembro está previsto o lançamento de uma Iniciativa de Cidadania Europeia (ICE), intitulada “STOP TTIP” e que “insta a Comissão Europeia a recomendar ao Conselho de Ministros Europeu a revogação do mandato de negociação para o TTIP”. Portugal precisa de reunir 16.500 assinaturas (1 milhão em, pelo menos, 7 dos 28 Estados Membro) e pode ser uma desafio a lançar ao C&T.

(ver [http://ec.europa.eu/trade/policy/in-focus/ttip/resources/index\\_en.htm#\\_documents](http://ec.europa.eu/trade/policy/in-focus/ttip/resources/index_en.htm#_documents) e o número de junho da edição portuguesa do *Le Monde Diplomatique*).

### **Próximo Encontro Nacional**

Depois de algum debate sobre vantagens e inconvenientes de descentralizar os Encontros Nacionais, **o 7º Encontro do C&T ficou marcado para 18 de outubro, em Vila Real.**

Numa primeira aproximação, considerou-se que a agenda poderia ser repartida pelos seguintes momentos (não necessariamente por esta ordem):

- avaliação do percurso feito pelo C&T, aprendizagens e preparação de 2015
- reunião dos GT e partilha das suas propostas
- debate sobre os Circuitos Curtos, preparado pelo respetivo GT, que vem a propósito da celebração do Ano Internacional da Agricultura Familiar e tendo em conta o impacto de tratados como o TTIP neste âmbito
- articulação com o projeto “*Cidadania & Território: Desenvolvimento Local Sustentado*”, que apoiará a realização do Encontro fazendo uma seleção das práticas significativas identificadas que tenham ligação com os temas a tratar, nomeadamente no contexto dos GT
- renovação da Equipa de Coordenação.

Antes de dar por encerrado o Encontro, fez-se uma breve avaliação da sua “utilidade” e do “gosto” suscitado em cada participante, tendo cada pessoa escrito também no quadro uma palavra ou frase que exprimia a sua apreciação geral. Eis o resultado:



Outras fotos do Encontro





A Equipa de Coordenação, 31 de julho de 2014